

## **Emudeceu o sino - memórias de um soldado-músico em Canudos**

Carlos Perrone Jobim Júnior  
Mestre em História/UFRGS.

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo traçar algumas reflexões entre duas fontes. A primeira é “Os Sertões” de Euclides da Cunha, intelectual notável, cuja ambiguidade de seu pensamento contrasta com o segundo, Isidoro Virgínio. Memorialista incógnito, soldado-músico da coluna Savaget, maragato do Exército nacional, narra suas experiências no conflito de Canudos, registradas em seus cadernos de memórias. Fonte inédita, manifesta o pensamento de um homem do povo sobre sua época.

### Abstract

This work aims at drawing some reflections between two sources. The first one is “Os Sertões” by Euclides da Cunha, remarkable intellectual, which ambiguity of thought contrasts with the second one, Isidoro Virgínio.

Unknown memorialist, soldier-musician of the Savaget soldiers, soldier of the national army, narrates his experiences lived in the Canudos’s conflict, registered in his memory books. Original source shows the thoughts of an ordinary man about his time.

O nascimento da República brasileira trouxe consigo uma desilusão: a civilização e a guerra constituíam uma contradição desajustada. Embora alguns dos maiores intelectuais da época, propagandistas fervorosos, como Euclides da Cunha, proferissem um entusiasmo revolucionário pela civilização - “a nossa Pátria no tempo”<sup>1</sup> - o ocaso do sentimento de ilusão não tardou em se fazer presente.

Essa insatisfação devia-se, basicamente, à observação da realidade, que lançava por terra as expectativas dos nossos pensadores. Tinham a Europa ocidental como modelo perfeito, cujos padrões artísticos, científicos e técnicos estavam em consonância com uma elevada moral. Porém, o novo Estado investia contra a base de sua existência. As antigas divergências tradicionais estimulavam as hostilidades inevitáveis. A Revolução Federalista e a Guerra de Canudos demonstraram que essa fase de nossa história foi tão sanguinária quanto qualquer outra que a tenha precedido. Não caracterizava, desse modo, a evolução da civilidade entre os homens. Ao contrário, as guerras obstruíam o desenvolvimento das relações éticas entre povo e Estado, confirmando a falta de compreensão e de conhecimento existentes entre eles, na medida em que experimentavam, um contra o outro, o ódio e a insatisfação.

Não devemos nos surpreender com tais fatos. Eles correspondem ao degrau em que nos encontrávamos, iludidos pela falsa imagem construída a respeito de nosso progresso. Os atos bárbaros praticados acabaram por minimizar, desse modo, qualquer contribuição que tenhamos prestado à humanidade. A exigência abusiva da obediência e do sacrifício em prol da Nação não se devia à aspiração do Estado em acabar com a violência, mas sim, à tentativa de monopolizá-la. Eis a origem da República brasileira.

O centenário da publicação de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, faz-nos pensar na construção de nossa brasilidade. Mas, talvez seja essa uma ótima oportunidade para tentarmos analisá-la de uma forma mais abrangente, buscando outras leituras que venham a se somar à influência euclidiana. Segundo Calasans,<sup>2</sup> as percepções de Euclides da Cunha aprisionaram as demais reflexões por talvez cinquenta anos. Bem sabemos que o espectro euclidiano representa uma importante contribuição entre várias. Além dele, encontramos diferentes testemunhos que têm contribuído para a ampliação do território das discussões.

A diversidade das fontes combina com o grande número de relatos referentes à guerra contra os habitantes do Belo Monte. Nessa fase de comemoração, um novo e

---

<sup>1</sup> Cunha, Euclides da. *Revolucionários*. In *Euclides da Cunha: organização [da coletânea] Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1984. p. 41.

<sup>2</sup> CALASANS, José. *No Tempo de Antônio Conselheiro*. Salvador: Publicações Universidade da Bahia, 1959.

importante relato vem contribuir para a desestabilização de nossas convicções. O contraste entre a literatura consagrada e a escrita de um sobrevivente de duas guerras parece fazer-se oportuno. Vale salientar que os fragmentos da fonte inédita foram adaptados, na medida do possível, ao português atual, buscando favorecer o corrente entendimento do texto. Mesmo assim, os escritos originais foram apresentados em notas, ao final da página.

### Um Testemunho Inédito

As memórias de Isidoro Virgínio, soldado do Exército nacional, estão registradas sob a forma de um diário, composto por 16 cadernos padronizados das Livrarias Globo. A experiência de sua vida compreende ao período final da monarquia à década de 50. Porém, os estudos dessa fonte se detiveram sobre os primeiros cadernos, justamente os que tratam da Revolução Federalista e da Guerra de Canudos. Para esse ensaio, vamos abordar basicamente a segunda experiência, confrontando-a com “Os sertões”. Por se tratar de um material inédito, faz-se necessário uma breve apresentação.

Isidoro nasceu em 1877, na cidade portuária de Rio Grande. Filho de agricultores, tinha três irmãos e, como dizia, fora criado no campo, em plena “liberdade”, embora pensasse que a vida na roça era dura demais. Talvez tenha sido esse o motivo da família ir morar na cidade, em 1887. Embora não saibamos em que momento seu pai faleceu, percebe-se que isso aconteceu quando Isidoro ainda era criança. Os demais parentes continuaram morando na Ilha dos Marinheiros e no Povo Novo, regiões periféricas à cidade gaúcha.

Em 1891, sua mãe faleceu. Nesse mesmo período, ele foi engajado no exército. Provavelmente, sua inserção tenha seguido os moldes habituais adotados no final do século XIX. Não obstante, temos poucas informações sobre as circunstâncias e a forma como isso aconteceu. Mas, fica claro que Isidoro tinha opinião desfavorável quanto ao recrutamento: “violentamente arrancados de seus lares, e, sob pena de morte, defender este ou aquele governo. É a forma usual dos fervorosos políticos, para fazerem revoluções. Pegar os infelizes camponeses a laço e a bala, para nos campos de luta morrerem por eles, políticos aventureiros”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> “violentamente arrancados de seus lares, e sobre penna de morte defender este o aquelle governo. É a forma uzual dos fervonhos politicos, para fazerem revoluções. Pegar os infilizis camponezes a laço e a balla, para nos campos de lucta morrerem por elles, políticos aventureiros” (p.113-4).

São raras as descrições sobre si mesmo. Presume-se que era franzino: talvez não tão magro, como dissera a respeito de seus dez anos de idade. Mas, certamente, tinha uma baixa estatura. Em relação a sua personalidade, era dotado de um espírito curioso e bastante perspicaz. Isidoro escreve sobre os acontecimentos de sua época e as suas experiências na guerra, de uma forma crítica e bem informada. Esboçava um posicionamento político que, se não era autônomo, porque seguia a orientação política compartilhada pela maioria de seus conterrâneos, era, no mínimo, reflexivo. Conseqüentemente, inseria-se num grupo insurgente. Apesar de pertencer ao Exército nacional, comandado por Floriano Peixoto, o mais poderoso aliado de Júlio de Castilhos, considerava-se maragato<sup>4</sup>, como todo o 12º batalhão de infantaria.

Embora fosse soldado, estando em um grupo bastante representativo dos homens comuns, distinguia-se da maioria: apresentava hábitos que destoavam dos seus pares. Isso se evidencia em algumas de suas escolhas, mais particulares. Dentro do exército, ele se integrou à banda militar. Decorre daí sua auto-imagem: considerava-se um artista, ou melhor, um “soldado-artista” que, por vezes, “tinha de colocar a lira de lado para pelear como um leão”. Além disso, embora fosse um escritor incógnito, podemos observar em sua obra um verdadeiro esforço literário, carregado de metáforas, hipérboles e outros artifícios da linguagem. Parecia buscar o estilo rebuscado da elite, não se contentando apenas em narrar os fatos. Utilizava exemplos históricos para fazer analogias, embora algumas vezes o fizesse de forma desacertada. Escrever fazia parte de sua vida, assim como a música e a literatura. Mas, na última década do século XIX, o contexto era de guerra.

Depois que Deodoro fechou o Congresso Nacional, em 3 de novembro de 1890, ocorreram diversos movimentos de resistência, inclusive dentro dos quartéis. Entre eles estava o 12º Batalhão de Infantaria (B.I.), cognominado na Guerra do Paraguai como “Treme-terra”. O acirramento da luta se deu em 1892. Diante das tendências anti-castilhistas dos militares de Rio Grande, o Treme-terra foi deslocado para Cachoeira, longe das influências políticas de seus conterrâneos. Encarregados de resistir às forças de Gumercindo Saraiva, marcharam para São Gabriel. Tempos depois, ocorreu o sangrento combate do Cerro do Ouro; os maragatos venceram, dizimando um grande contingente da cavalaria. Esses fatos foram observados por Isidoro, mas à distância, dentro da fortaleza Duque de Caxias. Em 3 de dezembro de 1893, o 12º B.I. saiu apressadamente de São Gabriel, retornando, três semanas após, para Rio Grande.

---

<sup>4</sup> Nome do grupo dissidente ao de Júlio de Castilhos, organizador de forte resistência na chamada Revolução Federalista de 1893 ocorrida no Rio Grande do Sul. Ver MACEDO, José Rivair e MAESTRI, Mário. *Belo Monte - uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Ed. Moderna, 1997. Coleção Polêmica.

Pouco tempo depois, Isidoro vivenciou outro conflito. Em 7 de abril de 1894, o almirante Custódio de Melo atacou Rio Grande, fato que levou Isidoro e mais oito companheiros a desertarem da linha de frente. No dia seguinte, decidiu não acompanhar os outros soldados que pretendiam se juntar às forças maragatas. Ao invés disso, retornou ao centro da cidade, onde pediu auxílio aos amigos de sua família. Manteve-se escondido por alguns dias, até que a fuga foi acertada. Embarcou para São Lourenço do Sul e três dias depois foi preso pelas autoridades locais. Algemado ao convés de um barco, foi enviado para Rio Grande para ser reintegrado ao Exército. Após passar uma curta estadia na prisão, foi indultado.

Pelo que pudemos constatar, Isidoro parece ter se adequado bem ao cotidiano do quartel. Era comportado, disciplinado e zeloso com seu fardamento. Não tinha um perfil displicente. Parece, então, que a hostilidade manifestada por alguns oficiais superiores dizia respeito a sua opção política. Dessa forma, não era bem visto por certa parte desse grupo, ou seja, por aqueles militares que não eram castilhistas.

Muitas vezes, a explosão partia da baixa hierarquia: a caserna era um lugar de tensões. Foi o que aconteceu com o Treme-terra, quando o descontentamento atingiu níveis insuportáveis devido a disputa política regional, que invadiu os quartéis. Em 4 de setembro de 1896, os soldados insubordinaram-se, depois de receberem ordens para deixar a cidade de Rio Grande. Na verdade, sabiam que partir para Alegrete significava deixar a cidade desprotegida. Tal mudança era conveniente para os castilhistas, pois o 29º B.I. da cidade vizinha, Pelotas, era considerado rival político do Treme-terra. Dado o clima de revelia, os ânimos se incendiaram e o quartel foi revirado. A incipiente rebelião só foi contida com a chegada do comandante Sucupira que, habilmente, utilizou seu prestígio entre os comandados, evitando piores conseqüências. Embarcaram para Alegrete, permanecendo ainda por alguns meses no Rio Grande do Sul.

Em 18 de março de 1897, rumaram para Canudos. Como integrantes da coluna Savaget, participaram da 4ª Expedição Militar contra as forças de Antônio Conselheiro. No segundo dia de abril, avistaram Salvador. Em 13 de abril, seguiram para Aracaju, permanecendo na capital sergipana por pouco tempo. A marcha pelos sertões teve início e, em 4 de maio, chegaram na cidade de Simão Dias. Como disse o memorialista, “dali para a frente não existiam mais estradas”. Isidoro só voltou a registrar os acontecimentos em 9 de outubro de 1897, em Salvador, após a queda do Belo Monte.

Tempos depois, Isidoro foi enviado para o Rio de Janeiro. Lá permaneceu, aproximadamente, um ano, até que, em 20 de dezembro de 1898, teve autorização para deixar o exército. Ficou poucos dias nessa cidade em busca de emprego, mas, não

obtendo êxito, retornou para Rio Grande, sua cidade natal. Lá chegando, Isidoro partiu imediatamente para a Ilha dos Marinheiros, a fim de reencontrar seus parentes. Em Rio Grande, continuou escrevendo sobre os acontecimentos vivenciados no conflito de Canudos.

Não queria mais ser soldado, “um escravo da disciplina”. Por isso, passou a trabalhar como agricultor. Mas, pouco tempo depois, mudou de idéia. A dura vida campesina pareceu-lhe insuportável e entediante. Então, resolveu buscar outra saída. Para ele, o melhor a fazer era aprender uma profissão. Sendo assim, retornou para a cidade e, lá chegando, procurou o amigo Luís Libório. Isidoro tinha a intenção de aprender o mesmo ofício do ferreiro. No entanto, as coisas se resolveram de outra forma. Solicitamente, o “velho” Luís ajudou seu jovem amigo. Ao saber que existia uma vaga na padaria do Bento, foi imediatamente falar com o proprietário. Os novos planos de Isidoro estavam dando certo. E, em pouco tempo, aprendeu uma profissão, trabalhando na padaria pôr alguns meses.

Porém, o espírito de Isidoro continuava inquieto. Passou a economizar o mísero salário, até que, no final de julho de 1900, partia para o Rio de Janeiro, tentando, novamente, a sorte. À princípio, as economias pareceram-lhe uma fortuna. Por isso, na primeira semana, só pensou em se divertir. Na “cidade maravilhosa” foi duas vezes assistir a ópera “O Guarani”. Porém, o dinheiro começara a terminar. Isidoro, desesperado, decidiu investir seus últimos tostões em um anúncio no Jornal do Comércio, oferecendo seus serviços. Além disso, investiu o resto que sobrou de suas economias em uma agência de empregos. Mas, ninguém ofertou-lhe trabalho.

Sem recursos, decidiu retornar ao exército. Em 30 de agosto de 1900, Isidoro era reintegrado como soldado-músico. Aprendeu a tocar outros instrumentos, como o saxofone, o que lhe possibilitou participar, além das cerimônias militares, de inúmeras festas e bailes da alta sociedade carioca. O segundo caderno se encerra em 2 de novembro de 1902, quando Isidoro fazia exercícios de guerra na praia de Copacabana.

Embaçados nas informações do guardião da fonte, Isidoro Virgínio deixou o exército para ingressar na marinha mercante. Ao que parece, conheceu boa parte do mundo. Mas, em 1956, percebia que outra viagem chegava. A aproximação da morte fez com que ele temesse pelo destino de tudo que tinha escrito, pois desconfiava que, depois de morto, as freiras da Beneficência Portuguesa jogariam fora os cadernos com suas anotações. Então, pediu a um conhecido que guardasse seus escritos: esse foi seu último projeto. Embora não tenhamos encontrado nem a certidão de batismo e nem a de óbito, fomos informados pelo guardião do diário que ele faleceu em Rio Grande, aos 79 anos de idade.

## Depoentes da Guerra

A memória da guerra confronta insistentemente o silêncio. Por um lado, as ruínas da igreja teimam em ressurgir, a partir da ardentíssima e periódica seca que faz baixar o nível das águas do açude de Cocorobó. Por outro lado, são descobertos relatos desconhecidos, testemunhando o massacre a partir de uma nova ótica: é o caso do diário de Isidoro Virgínio. O que ganhamos com isso? Na medida em que os estudos sobre a obra euclidiana prosseguem, tais achados complementam as lacunas do objeto de estudo que Euclides nos trouxe. Intelectual de primeira grandeza, infatigável, soube discorrer com profundidade sobre os fatos, embora os dissecasse à luz do positivismo, do determinismo e do evolucionismo.

Podemos, então, nos perguntar se houve a apropriação desses conceitos junto às camadas populares. Essa resposta não é tão simples. Primeiramente, porque não podemos pensar em um “povo brasileiro”, mas em múltiplos grupos, com características específicas e muito variáveis. No caso de Isidoro, devemos compreender que ele estava fortemente influenciado pelas idéias regionais, basicamente o maragatismo e o liberalismo. Além disso, não podemos deixar de considerar o grupo em que estava inserido. A ideologia militar foi-lhe transmitida e apreendida com relativo sucesso. Por isso, o soldado acreditava que o exército tinha uma função civilizatória, ao passo que identificava os conselheiristas como fanáticos:

Um dia deu um fato assombroso de homem de natureza embrutecida, pela a natureza local. É que neste mundo, os homens já não são mais homens. São e têm, o aspecto de homens, com alma e natureza de animais. Se não vejamos: os fanáticos religiosos, e a natureza deles. Que mais se parecem, com as bestas feras, das mais perigosas. Que pelo o fanatismo religioso são cegos e loucos, não tem compressões. São eles, uns bárbaros e inconscientes, capazes de todas as estúpidas ações, uns selvagens. Aquilo já não é serem religioso. É serem cegos e loucos e duplos fanáticos capazes de todas as estupideses <sup>5</sup>.

<sup>5</sup> “Um dia deus um facto assombroso [sic] de homem de natureza embrutecidos, pella a natureza local. É que neste mundo, os homens ja não são mais homens. São e tem, o haspctro [sic] de homens, com alma e natureza de animaes [sic]. Se não vejamos: os phanaticos [sic] religiosos [sic], e a natureza d'elles [sic]. Que mais se parecem, com as bestas féras, das mais perigozas [sic]. Que pello o phanatismo [sic] religioso [sic] são cegos e loucos, não tem compreensões [sic]. São elles, uns barbaros e iconcientes [sic], capazes de todas as estupidas ações, uns servagens [sic]. Aquillo ja não é ser religiosos [sic]. É ser segos [sic] e loucos e duplo phanaticos capazes de todas as estupidezes [sic]” (pp..327-8).

No entanto, essa imagem era bastante estereotipada, resultado da propaganda republicana espalhada pelos jornais do país. Os repórteres que se dirigiram à Canudos já sabiam o que iam informar. A idéia de um inimigo interno acompanhou à República desde os primeiros momentos. Assim como aconteceu com os maragatos, os conselheiristas foram taxados de bandidos, fanáticos, feras que servem a interesses reacionários e ideologias exóticas. Eram monarquistas; não eram brasileiros. O exército, por sua vez, tinha uma função progressista, civilizatória, e o dever de consolidar o novo regime. A República estava em perigo, necessitando ser salva a qualquer preço.

Todavia, percebe-se, em algumas reportagens, que a observação dos fatos parece questionar os chavões comumente utilizados. Os repórteres começam a desconfiar de que não estão bem informados quanto ao que realmente está ocorrendo na região do Belo Monte e ao povo de lá. Assim, passam a registrar suas dúvidas e a relativizar suas impressões. Da mesma forma, Euclides da Cunha demonstrou essa incerteza, em 16 de agosto, quando encontrava-se na Bahia. Em “Diário de uma Expedição”<sup>7</sup>, relata:

Ao chegar aqui e assaltado logo por impressões novas e variadas, perturbadoras de um juízo seguro, acredito, às vezes, que avaliei imperfeitamente a situação e dominado talvez pela opinião geral entre os que voltavam de Canudos (p. 93)

Decorre daí a tensão dramática de sua obra, característica da própria insuficiência explicativa da retórica naturalista, como aponta Galvão<sup>8</sup>:

Ao descrever a resistência ímpar dos rebeldes canudenses, com quem simpatiza, vê-se atribuindo suas proezas a aleijões raciais. Aí se detém a análise, quando Euclides se surpreende desservindo à causa que queria servir. (...) Com os instrumentos rombudos de uma ciência que só pode ser negativa quando empregada pelo colonizado, pois é feita contra ele, (...) todavia o sentimento da injustiça leva a melhor e se curva ante o fato de que o adversário incompreensível talvez também tenha razão. (pp.94-5)

A princípio, essa ambivalência aparece também no diário de Isidoro. Primeiramente, considera os conselheiristas “*fanáticos*”, “*feras sanguinárias*”, enquanto o Exército era a instituição que iria “*salvar a República*”. Interessante notar que “Para Canudos” foi como Isidoro nomeou o capítulo anterior à experiência do conflito. Após a campanha,

---

<sup>7</sup> CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>8</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. Prefácio à 28ª Edição. In: *Gatos de outro saco: ensaios críticos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.



Isidoro pôs em dúvida as próprias certezas. “Para o desconhecido” foi o título dado ao capítulo escrito após a guerra. A reordenação das idéias demonstra a fragilidade de um saber aparente, na medida em que afirmava, posteriormente, o desconhecimento geral. O estranhamento constante fica evidente em seu relato, na medida em que tudo lhe parecia novo, nada familiar. A imaginação preenchia o espaço explicativo, povoando a região com seres misteriosos que viviam num meio hostil, cercado por acidentes geográficos desconhecidos e fantásticos, formando, juntamente ao clima abrasador, um teatro demoníaco.

No entanto, terminado o conflito, Isidoro repensou os motivos da guerra, atribuindo a culpa às autoridades locais. Para ele, os conselheiristas tinham sido enganados na questão da madeira comprada em juazeiro. Além disso, defendiam o que era seu, a sua propriedade, que, para Isidoro, era um direito divino. De forma semelhante, destacou Euclides da Cunha, em “Os Sertões”: “o sertanejo defendia o lar invadido, nada mais”<sup>9</sup>.

Também podemos pensar em outras analogias, que estão restritas a eles. A maior parte dos memorialistas chamou, em determinado momento, os conselheiristas de “invisíveis”, devido ao comportamento dos combatentes. Mas, a excelência na guerrilha não foi suficiente para determinar a vitória sertaneja. Embora tremendamente resistentes aos avanços das sucessivas expedições militares, acabaram sucumbindo. Isso fez com que acontecessem pelo menos duas coisas. Os conselheiristas passavam a ser admirados pela virtuosidade e pela coragem. E, além disso, os fuzilamentos em massa, a prática da degola e todos os excessos da guerra fizeram com que a opinião pública mudasse de comportamento. Para Euclides da Cunha, a idéia expressa no artigo “questões sociais” - *“por fim o republicano não vencerá - convencerá; e tendo, enfim, dominado os adversários, não os enviará à guilhotina, mandá-los-á para a escola”*<sup>10</sup> - não se confirmava. A pedagogia era a lei do sabre.

Em 10 de fevereiro, Isidoro encerrava em Pinheiro, no Rio de Janeiro, o capítulo “Alto da Favela”, onde narrou o combate notoriamente conhecido pelo último nome. Em 18 de Julho, ocasião do conflito, ele foi levemente ferido na cabeça e no ombro. Os sobreviventes do 12º batalhão de infantaria foram, então, absorvidos pelo 31º B.I. Nos capítulos seguintes, o memorialista continuou narrando a guerra. Evidencia, de forma crítica, as duras condições do combate: a sede e a fome desesperadoras, a falta de provisionamento, os atos abusivos praticadas contra os prisioneiros, os fuzilamentos e

---

<sup>9</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1997. p.497.

<sup>10</sup> A Província de São Paulo”, entre 29 de dezembro de 1888 e janeiro de 1889.

toda a sorte de atos bárbaros ocorridos naquele conflito. O fragmento que apresento a seguir refere-se a percepção de Isidoro sobre o extermínio dos prisioneiros:

Parece incrível que tal coisa fosse praticada nos tempos modernos, e ainda mais por beatos e carolas de farda as costas, em um país cristão. No seu não fanatismo e conscienciosos religiosos romanos, fizessem fuzilamentos em moças e velhos, infelizes vencidos pela força bruta. Vergonha eterna para a geração que passa, e se dizem cristãos e civilizados. Ária de agonia e vergonha para a geração que passa, e se dizem cristãos e civilizados. Ária de agonia e vergonha para a Nação brasileira. Fazia doer a alma, dos corações por mais empedernidas que fossem. (...) Faz crer, que ser militar em tempo de guerra, o homem não é homem, é um semi-homem feroz. Não tem sentimentos humanos, não tem alma, não tem coração. O que é de lamentar, embora não tenha coração humano. Que perante Deus pratique tais crueldades, como se fosse uma fera bravia.<sup>11</sup>

Outro ponto interessante refere-se a chegada dos feridos. Podemos ver uma oposição entre os dois memorialistas. Para Euclides da Cunha, os feridos chegavam “*em estado miserando...A população da capital recebia-os comovida...a vasta cidade fez-se um grande lar(... os mártires tinham ovações de triunfadores*”.<sup>12</sup> Para Isidoro, as coisas aconteceram de forma diferente. Conforme relata o soldado, desembarcaram como “um grupo de maltrapilhos que mais se parecia, com espectros” de homens. Encontravam-se todos em péssimas condições. Além das cicatrizes, algumas ainda abertas, estavam “*cabeludos e barbudos sujos rotos esfarrapados, descalços, quase mendigos [...] que mais se parecia, com jagunços flagelados*”.

Foi uma recepção decepcionante. Marchando ao som de alegres dobrados, seguia “*aquele grupo de vencidos, mas não convencidos*”. A população assistia a tudo “*adormecida e indiferente*”. O memorialista se questionava quanto a importância que eles tinham para “*o populacho alegre e indiferente, com a destruição, de soldados Brasileiros. E ainda mais, quando estes soldados são ao lado, e defende o governo da Republica. A quem detesta e odeia por ser republicano*”. A isso, acrescentou:

---

<sup>11</sup> “Parece incrível que tal coisa fosse praticada nos tempos modernos, e ainda mais por beatos e carolas de farda as costas, em um país [sic] cristão [sic]. No seu não phanatismo e consenciozos [sic] religiosos [sic] romanos, fizesse fusilamentos em mosças e velhos, infilizes vencidos pella a força bruta. Vergonha eterna para a geração que passa, e se diz christães [sic] e civilizado. Aria de agonia e vergonha para a nação Brasileira. Fazia doer a alma, dos coracções [sic] por mais empedrenidos[sic] que fosse. (...) Faz cre, que ser militar em tempo de guerra, o homem não é homem, é um cemi [sic] homem feroz. Não tem sentimentos humanos, não tem alma, não tem coracção. O que é de lamentar, embora não tenha coracção humano. Que perante Deus pratique taes crueldades, como se fosse uma fera bravia.”(pp.360-1)

<sup>12</sup> Os sertões. Op. Cit., p.516-7.

Uma população estranha que ria da desgraça, e chora da felicidade do Brasil, e Brasileiros. É que o Brasil foi e continua a ser, uma colônia soldada a coroa de Portugal.<sup>13</sup>

Sentindo-se desprezado pelo povo que viera assistir a chegada das tropas, argumentava contra esses populares, dizendo que tal atitude se devia a valorização do antigo regime. Para ele, o povo não tinha conseguido se libertar do processo histórico-cultural que manteve por muito tempo o Brasil vinculado à Portugal, demonstrando a continuidade desses laços coloniais. Mesmo assim, Isidoro se mostrava curioso para descobrir a bela capital federal. Queria ver e conhecer tudo o que pudesse, para depois ter o que contar. Com certeza, histórias não lhe faltariam. Após dar baixa, aventurou-se pela cidade, ao que disse: *"chegou o dia e eu ser cidadão, com direitos políticos, e senhor do meu nariz, que é ser cidadão"*. O dia 27 de dezembro foi *"o dia de minha liberdade"*.

As memórias de Isidoro Virgínio testemunham a dolorosa percepção de um homem do povo sobre o conjunto da sociedade em que estava inserido. Para as elites, a justificativa dos problemas nacionais estariam no povoamento. Diferente dos europeus, o povo brasileiro era inferior, devido ao que Euclides da Cunha postulou de "atavismo". O atraso nacional devia-se ao nosso próprio processo histórico. O problema recaía sobre o povo, aquele que não correspondia às expectativas da elite, desejosa de construir uma República que fosse seu espelho. Para Isidoro, o problema era outro:

Quando digo povo, é as massas trabalhadoras, que laboram o progresso do Brasil. A burguesia e seus adornos, é uma parte, a parte do povo, que trabalha. É quem geme nos impostos, para regalo dos mofinos gozadores parasitas dos cofres publico. O que é para se lamentar, é que os impostos só atingem aos trabalhadores, que geme e não bufa. Para ser esbanjados, nas orgias da politicagens, dos políticos profissionais. Que não vivem: vegetam na gamela oficial que é o tesouro nacional.<sup>14</sup>

A princípio, todos os homens eram iguais:

<sup>13</sup> "Uma população estranha que ria da desgraça, e chora da felicidade [sic] do Brasil, e Brasileiros. É que o Brasil foi e continua a ser, uma colônia soljada [sic] a coroa [sic] de Portugal." (p.368).

<sup>14</sup> "Quando digo povo, é as massas trabalhadoras, que labora o progresso do Brasil. A burguesia [sic] e seus adornos, é uma parte, aparte do povo, que trabalha. É quem geme nos impostos, para regalo dos mofinos gozadores parazytas dos cofres publico. O que é para se lamentar, é que os impostos só atinge aos trabalhadores, que geme e não bufa. Para ser esbanjados, nas orgias da politicagens, dos políticos profissionaes. Que não vivem: vegeta na gamella oficial que é o thezouro Nacional" (p.378 ).

“Todos são de carne e osso, todos saíram do homem e da mulher, todos são filhos de Deus, não ha diferença. Se uns nasceram no palácio, e outros na choupana, as formas são as mesmas, em nada diferem. A diferença é o meio em cada um vive. Fora disso, a massa é a mesma, não ha homem diáfano<sup>15</sup>”.

Entretanto, assim como a sacralização da natureza possibilitou que Isidoro formulasse uma crítica ao poder político brasileiro, também o influenciou de outra forma. Justificava, através de valores religiosos, sua subjetividade, interferindo na apreciação objetiva das questões de classe. Para Isidoro, o processo de reencarnação justificava que determinados homens fossem bons, enquanto outros eram maus. Esses apresentavam tal comportamento devido a acontecimentos da vida passada, bárbara, que tiveram. Assim como os europeus de outrora, os sertanejos matavam em nome da religião:

Tem sido esta: a máscara da humanidade. A pisada é a mesma nos povos que se jactam de ser os mais civilizados. Visto tal civilização, não é de admirar, que os matutos brasileiros, no seu fanatismo religioso, façam o mesmo. Que por via de regras, usam as mesmas máscaras dos povos civilizados, lá da outra banda do Oceano. Isto que os jagunços fazem hoje, vem dos tempos antigos. Vem da civilizada e prostituída Europa. Vem das eras dos gigantes, vem do princípio do mundo. Faz parte do cronismo da humanidade que é uma massa mal vivida, uma massa tumular...<sup>16</sup>.

Para Isidoro, a civilização era aparente. Mesmo a Europa, considerada pela elite brasileira como modelo de modernidade, parecia-lhe envolta num disfarce, numa falsa evolução. Embora creditasse aos conselheiristas os mesmos valores que a elite lhes imputava (fanáticos, loucos, bárbaros, feras, selvagens, etc), reconheceu, posteriormente, que a luta era legítima; foram enganados pelas autoridades de Juazeiro e defendiam o que era seu. O que ele deduzia de tudo isso era que a violência era intrínseca à

<sup>15</sup> “todos são de carne e osso, todos sahirão [sic] do homem e da mulher, todos são filhos de Deus, não ha diferencia [sic]. Se uns nascera [sic] no palacio, e outros na chupana [sic], as formas são as mesmas, em nada difere. A deferencia [sic], é o meio em cada um vive. Fora dístico, a massa é a mesma, não ha homem diaphano” (p.319-0).

<sup>16</sup> “Tem sido esta: a mascara da humanidade. A pizada [sic] é a mesma nos povos que se jata [sic] de ser os mais civilizados. Visto tal civilização, não é de ademirar [sic], que os matutos Brasileiros, no seu phanatismo religiozo [sic], fasça [sic] o mesmo. Que por vias [sic] de regras, uzão [sic] as mesmas mascaras dos povos civilizados, lá da outra banda do Oceano. Isto que os jagunços fazem hoje, vem dos tempos antigos. Vem da civilizada e prostituída europa. Vem das eras dos gigantes, vem do prencipio [sic] do mundo. Faz parte do cronismo da humanidade que é uma massa mal vivida, uma massa tumular...”(pp.260-1).

humanidade. Essa visão pessimista estava condicionada pelas duras experiências da guerra.

O título dos primeiros cadernos vem a confirmar essa proposição: “A vida mal vivida”. No entanto, tempos depois, o memorialista atribuiu certa positividade ao caráter nacional brasileiro, como podemos ver abaixo:

A criação no brinco, a jovem na escola, o moço no estudo, a matrona em casa, o varão no trabalho, a velhice em repouso, todos pensam no futuro, o que a Deus pertence. No mar sereno, a terra em flor, o operário na forja, o malho batendo lâmina fumegando, a semente na terra, a vida em gala, é um dom, que Deus deu ao Brasil.<sup>17</sup>

A obra de Euclides da Cunha expressa a flexibilidade analítica desse intelectual. Em determinado momento, derruba todo o referencial teórico que utilizou. Não enuncia mais a decadência do sertanejo, mas o martírio heróico de um povo que era núcleo potencial do nosso desenvolvimento. Na verdade, Euclides não seguiu o desprezo que as ciências da época tinham em relação aos mestiços. Diante dos fatos, convenceu-se dos erros da República. O resultado sangrento da campanha devia ser denunciado; maculava a história nacional. Mais parecia uma cruzada, ou, como disse sugestivamente, “uma charqueada”. Em “Contrastes e confrontos”<sup>18</sup>, Euclides demonstra bem essa ambivalência. Retoma seus preconceitos, ao mesmo tempo em que escreve “Um Velho Problema”:

“Assim ela chegou até meados do último século - até Karl Marx - pois foi, realmente, com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva. Nada de idealizações; fatos(...)Porque a revolução não é um meio, é um fim; embora às vezes, lhe seja mister um meio, a revolta(...)Porque o seu triunfo é inevitável. Garantem-no as leis positivas da sociedade que criarão o reinado tranqüilo das ciências e das artes, fontes de um capital maior, indestrutível e crescente, formado pelas melhores conquistas do espírito e do coração”.

<sup>17</sup> “A criação no brinco, a jovem [sic] na escola, o moço no estudo, a matrona em casa, o varão no trabalho, a velhice [sic] em repouso [sic], todos pensa no futuro, o que a Deus pertence. No mar sereno, a terra em flor, o operário na forja, o malho batendo lâmina fumegando, a semente na terra, a vida em gala, é um dom [sic], que Deus deu ao Brasil”(p.321).

<sup>18</sup> CUNHA, Euclides da. Organização [da coletânea] Walnice Nogueira Galvão - Coleção Grandes cientistas sociais/45. São Paulo: Ática, 1984. p.194.

## A descoberta da fonte

A análise desse importante material para a historiografia nacional começou em 1997, enquanto coletava, no jornal gaúcho “A Federação”, as notícias sobre o envolvimento da elite castilhista na guerra do Belo Monte. Durante uma visita que fiz ao museu da 3ª Região Militar, tive a notícia da possibilidade de ter acesso à uma fonte inédita. O diretor do museu disse saber da existência dos escritos de um soldado que tinha lutado em Canudos e que tais relatos estavam sob a guarda de um colega, também militar. Apesar de não se verem há vinte anos, soube me dizer o nome completo e o endereço aproximado. Foi o que bastou.

A partir daí, entrei em contato com o guardião da fonte. Iniciei o percurso de uma trilha denotadamente presencial e inédita que, ritmada pela sensibilidade da escrita singular, do esforço literário e memorialístico, soube registrar o espírito de uma época. Assim, baseado nesse diário, pude elaborar minha dissertação de mestrado, conhecendo parte da vida e da obra de Isidoro Virgínio, soldado do Exército nacional. Suas emotivas experiências foram registradas em dezesseis cadernos padronizados das Livrarias Globo. Vencendo as dificuldades surgidas no desbravar uma caligrafia desconhecida, uma construção de palavras e frases em português antigo e limitado, pude verificar a importância desse registro de um homem comum. As páginas amareladas pelo tempo transformaram-se em atuais reflexões, nesse momento de comemoração e de resgate da memória brasileira.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> JOBIM JÚNIOR, Carlos Perrone. *A vida mal vivida: diário de um maragunço* - Memórias de um soldado na Revolução Federalista e na Guerra de Canudos (1893-1897). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, Março, 2002.